

**Esclavidão e doenças nas *plantations* cafeeiras do Vale Paraíba: na interface das discussões, métodos e possibilidades.**

Keith Barbosa

Doutoranda-Bolsista em História das Ciências e da Saúde/Fiocruz

**Resumo:** A questão da saúde e doença entre a população escrava no Brasil tem ganhado destaque na historiografia moderna. Reflexões mais contemporâneas procuram demonstrar como os cativos tinham valores e projetos próprios e que lutavam por eles das mais variadas maneiras. Logo, verificam-se abordagens que têm relacionado doenças, esclavidão e medicina no período colonial e pós-colonial. A partir do encontro de reflexões em torno da história da esclavidão e das doenças procuramos destacar neste artigo algumas reflexões iniciais sobre as possibilidades de investigação e análise da saúde e da doença em um contexto escravista do sul fluminense, importante área de expansão cafeeira do Rio de Janeiro Imperial.

**Palavras chaves:** esclavidão, doenças, Cantagalo.

**Abstract:** The health and illness issue among the slave population in Brazil has gained prominence in modern historiography. Newest contemporary reflections attempt to demonstrate how the captives had their own projects and values concepts and used to fought to conquer them in several ways. Therefore, there are approaches that have related diseases, slavery and medicine in the colonial and postcolonial period. From the meeting of reflections on the slavery and disease history, in this article we seek to highlight some initial reflections on the possibilities of research and analysis of health and illness in the southern *fluminense* province slavery context, important area of coffee expansion of the Rio de Janeiro Imperial.

**Key words:** slavery, disease, Cantagalo

Na medida em que a historiografia da escravidão abre-se a novas abordagens e inovadoras perspectivas, o estudo da saúde, e mais especificamente, das doenças que muitas vezes determinavam os alarmantes índices de mortalidade entre os cativos tornou-se essencial para o avanço das pesquisas que se propõem a problematizar questões acerca das condições de vida cativa. O debate sobre a saúde e as causas das doenças dos cativos tem constituído-se como objeto de estudos de pesquisadores de diferentes campos do conhecimento significativamente nos últimos anos no Brasil<sup>1</sup>. Na seara dos historiadores, o contexto de renovação teórica e metodológica que perpassa a historiografia da escravidão brasileira<sup>2</sup> desde a década de 1980<sup>3</sup>, levou muitos pesquisadores a avaliarem temáticas e contextos da saúde e da doença como caminhos empíricos válidos para a produção da análise histórica. Desta forma, surgem até recentemente novas perspectivas a respeito de historicidades muito mais complexas do que até então se entendia, destacadamente nas discussões sobre as nosologias das populações escravas dos séculos passados. Os conjuntos de proposições que emergem desse novo quadro de referências têm colocado a urgência em discutir suas articulações com a produção de conhecimento com outros campos do saber, destacadamente para as análises históricas sobre a explicação dos determinantes e da distribuição das doenças nas populações negras escravizadas do passado.

Portanto, inseridos nesse movimento de revisão historiográfica e tendo em vista esse novo campo de estudos – História das Doenças –, consideramos que é crível analisar as conexões entre doença e escravidão. A validade de novos estudos sobre as doenças, para uma melhor compreensão do passado, foi levantada por Anny Jacqueline Torres da Silveira e Dilene Raimundo do Nascimento (2004). Ao apresentarem as principais perspectivas teóricas para esse novo campo de estudos, as autoras indicam a importância das doenças como objeto de estudo principal para uma ampliação das percepções sobre as múltiplas dimensões da vida social. Em outras palavras, considerando que existe uma “historicidade das doenças ligada a todos os acontecimentos do ser humano”, a doença, quando vista como objeto de estudo,

---

<sup>1</sup> Ver: PORTO, Ângela. “A saúde dos escravos na historiografia brasileira” In: ANPUH Rio. '**Usos do Passado**' — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

<sup>2</sup> LARA, Silvia Hunold. Novas dimensões da experiência escrava. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/13.shtml>>. Acesso em 01 abr. 2007.

<sup>3</sup> MACHADO, M. H. “Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão” In: **Revista Brasileira de História**, Vol. 8, n.16, 1998.

(...) possibilita o conhecimento sobre as estruturas e mudanças sociais, dinâmica demográfica e de deslocamento populacional, reações societárias, constituição do Estado e de identidades nacionais, emergência e distribuição de doenças, processos de construção de identidades individuais, constituição de campos de saber e disciplinas<sup>4</sup>.

Nesse sentido, pretendemos apontar algumas reflexões preliminares de uma pesquisa em andamento sobre a análise da vida cativa em uma importante região de *plantation* cafeeira do Vale do Paraíba fluminense, a região de Cantagalo, examinando as experiências desses escravos relativas à doença, à morte e as respectivas práticas de curas acionada por senhores e escravos.

#### Vila de Cantagalo: paisagens, contextos e *agency*

Nas primeiras décadas do século XIX a Vila de Cantagalo, na região Sul da Província do Rio de Janeiro, localizada em um estreito Vale cercado por montanhas já se caracterizava por um crescente fluxo de mercadorias e pessoas, representando um dos espaços de “confluências”<sup>5</sup> entre as principais regiões da Província do Rio de Janeiro. Era uma localidade ligada por via terrestre a cidade do Rio de Janeiro, cortada pelo Caminho Novo que alcançava as áreas auríferas de Minas Gerais<sup>6</sup> e também estava conectada a outras regiões da província por caminhos fluviais. “Das antigas lavras à criação do município de São Pedro de Cantagalo passaram-se décadas em que se produziu cereais, café, cana-de-açúcar, milho, arroz, feijão, mandioca, batata doce”<sup>7</sup>. Ao percorrer, em 1822, as estradas que cortavam as regiões do

---

<sup>4</sup> NASCIMENTO, D. R. do. e SILVEIRA, A. J. T. “A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças” In: NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M et alli.(orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.20.

<sup>5</sup> BEZERRA, Nielson Rosa. **As chaves da escravidão: confluências da escravidão no Recôncavo do Rio de Janeiro**. Nitéroí, EdUFF, 2008, p. 142.

<sup>6</sup> LOS RIOS, Adolfo Morales de. **O Rio de Janeiro Imperial**. 2ª edição, Editora Topbooks, 2000, p. 50.

<sup>7</sup> Idem, p. 02.

interior da província do Rio de Janeiro, o viajante Saint-Hilaire descreveu suas impressões sobre essa região:

Hoje, comecei a notar, tanto à beira da estrada como a alguma distância, casas um pouco mais bem tratadas do que as vendas, e habitadas por agricultores mais abastados. Desde ontem comecei a ver plantações de café, hoje mais numerosas. Devem aumentar mais ainda à medida que me for aproximando do Rio de Janeiro. Esta alternativa de cafezais e matas virgens, roças de milho, capoeiras, vales e montanhas, esses ranchos, essas vendas, essas pequenas habitações rodeadas das choças dos negros e as caravanas que vão e vêm, dão aos aspectos da região grande variedade<sup>8</sup>.

Em meados do século XVIII, em um período marcado pelo fascínio da exploração aurífera, garimpeiros e indígenas disputavam terras<sup>9</sup> e pousos de Cantagalo foram sendo progressivamente ocupados. O povoamento da região inicia-se em meio à decadência dos centros mineradores e as novas possibilidades de manter a atividade extrativa em outras regiões. “Por volta de 1784, já se formava um núcleo de povoamento em Cantagalo com 200 moradores, entre aventureiros, mulheres e crianças”<sup>10</sup>. Ricardo Salles em seu estudo sobre em Vassouras (2008) também apontou o rápido crescimento da população escrava na banda oriental do Vale, sendo conhecido como “o coração da área de expansão cafeeira conhecida como sertões do Leste”<sup>11</sup>.

---

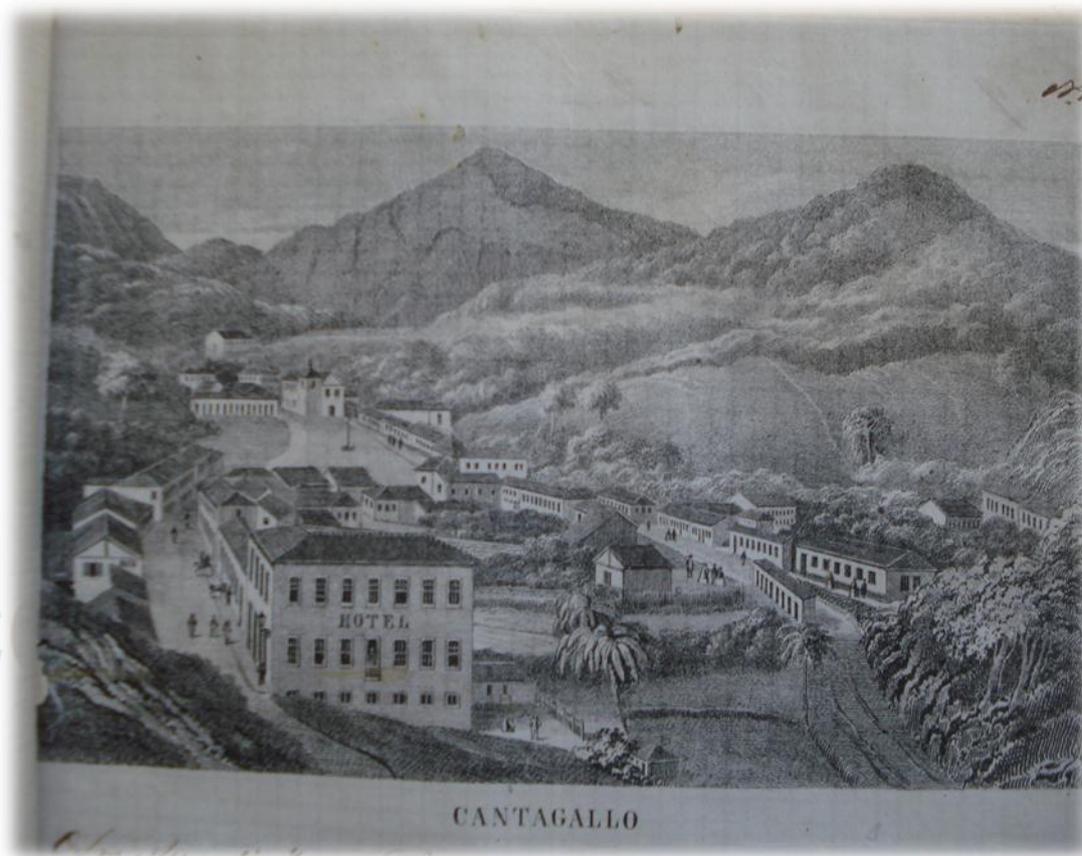
<sup>8</sup>MARQUESE, R. B. “Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c1830-1860” In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 165-188, 2005, p. 171 *apud* SAINT-HILAIRE, 1974, p.100.

<sup>9</sup> VINHÃES, Eliana Maria Gonçalves. **Cantagalo: as formas de organização e acumulação da terra e da riqueza local. Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em História Social), IFCS, URFJ. 1992, p.25.

<sup>10</sup> VINHÃES, *op.cit.*, 1992, p.27.

<sup>11</sup> SALLES, Ricardo. **E o Vale era escravo. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p.187.

Figura 1. Vista de Cantagalo



Fonte: Inventário *post-mortem* de Romualdo Rodrigues da Costa, 1865. AMJRJ

No âmbito da economia nacional, a rápida expansão cafeeira na região tornava o valor do produto mais caro e atraía o interesse para os comerciantes. As encostas das serras atlânticas eram tomadas por novas roças iniciando a derrubada da mata e os conflitos de

terras. Logo, a paisagem social do Vale “relativamente desocupado em 1800, cinquenta anos depois adquiriria o caráter de típica região escravista de *plantation*”<sup>12</sup>.

Com a intensificação da produção voltada ao mercado mundial verificou-se o aumento do tráfico entre as províncias do Império para abastecer as *plantations* cafeeiras do Vale<sup>13</sup>. Logo, os produtores escravistas do Império do Brasil passaram a ter como preocupação principal as discussões em torno da administração dos escravos. Segundo Rafael de Bivar Marquese, o controle dos trabalhadores cativos refletiria “um quadro mental e material envolvido no ato de elaboração das ideias sobre o assunto”<sup>14</sup> e as reflexões sobre a gestão escravistas contidas nos manuais agrícolas, fundamentais na análise de Marquese, apontavam importantes questões sobre a escravidão nas Américas: “As teorias de gestão escravistas se ocupavam de todas as esferas da vida do cativo (alimentação, moradia, família etc.), e não apenas da disciplina e da produtividade do trabalho.”<sup>15</sup> Nesse contexto, o rápido crescimento demográfico e o pioneirismo que caracterizava todo o Vale do Paraíba fluminense como importante produtor cafeeiro chamou atenção de inúmeros visitantes, para além dos intelectuais que elaboraram teorias sobre a administração dos escravos. De acordo com Rafael Bivar Marquese, “nos anos 30 e 40 dos oitocentos houve uma relação simbiótica entre o afluxo de africanos para o centro-sul e a explosão da produção café no Vale do Paraíba”<sup>16</sup>. Destacadamente para a região de Cantagalo, as experiências das *plantations* cafeeiras no Vale, que alcançaram seu auge na década de 40, compunham um importante espaço de observação de variados aspectos do cotidiano dos escravos em um período histórico marcado por um colossal comércio de escravos na Província.

Para Eliana Vinhaes, a região de Cantagalo passou a atrair “viajantes, cientistas europeus, curiosos, cronistas de época e agentes estrangeiros a serviço da fiscalização da

---

<sup>12</sup> TOMICH, Dale. “O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial de café”. In: GRINBERG, K. e SALLES, R. **O Brasil Imperial**. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, vol.2. 2010, p. 342-343.

<sup>13</sup> Para uma discussão sobre o tráfico interprovincial de escravos ver: GRAHAM, Richard. “Nos Tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil” In: **Afro-Ásia**, Salvador, EDUFBA, 2002, n. 27, p. 121-160.

<sup>14</sup> MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 12.

<sup>15</sup> Idem, p. 379.

<sup>16</sup> Idem, p. 294.

imigração”<sup>17</sup>. Esses personagens deixaram registrados importantes testemunhos sobre a região, suas peculiaridades geográficas, sua produtividade agrícola, as principais técnicas empregadas na cultura cafeeira e as principais características da população. No decorrer da nossa pesquisa compilamos algumas observações e impressões relatadas pelos visitantes que passaram pela região de Cantagalo. Foi a partir desses registros que iniciamos nossa investigação sobre o governo dos escravos na região oriental do Vale.

Seguindo os caminhos traçados por um médico alemão e de tantos outros visitantes de Cantagalo foi possível examinarmos os universos sociais dessa importante região do Vale cafeeiro, tendo como fio condutor regimes de trabalho e demografia específicos das vidas escravas. As *plantations* do Vale do Paraíba compunham, na época, a importante geografia cafeeira da região. E é nesse contexto que o médico Reinhold Teuscher descreve suas primeiras observações sobre as condições sanitárias dos escravos que viviam em algumas fazendas da Comarca de Cantagalo. Em tese apresentada à faculdade de medicina em 1853, Reinhold Teuscher descreveu sua visita às propriedades Santa Rita, Boa Sorte, Boa Vista, Áreas e Itaoca e observou novecentos escravos durante cinco anos. As anotações de Teuscher servem-nos como ponto de partida para esquadriarmos esses cenários. Nesse sentido, sobre algumas doenças dos escravos, o médico anotou:

Passo a dizer algumas palavras sobre as moléstias mais frequentes entre os pretos destas paragens. Entre elas ocupa o primeiro lugar pela sua importância a anemia intertropical, ou opilação (...) O clima entre os trópicos sem dúvida predispõe esta doença, mas as causas próximas que a podem promover são numerosas.<sup>18</sup>

O volumoso número de escravos, que circulavam pelos morros da região, transformavam essas propriedades em um ambiente ideal para as experiências de observação do “estado sanitário dos cativos da região”.

---

<sup>17</sup> VINHAES, *op.cit.*, 1992, p. 33.

<sup>18</sup> TEUSCHER, Reinhold. **Algumas observações sobre a estatística sanitária dos escravos em fazendas de café**. Tese apresentada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1853., p. 9

Tendo eu tido ocasião de observar durante mais de cinco annos o estado sanitário de mais de novecentos escravos, desejei muitas vezes poder obter algumas datas sobre a estadística sanitária da raça ethiopica em outros estabelecimentos semelhantes a estes onde eu vivia. Não pude achar informações exactas a este respeito, e por isso resolvi de publicar as minhas observações, apesar de serem os números pequenos e o tempo curto de mais para se poder basear um calculo exacto sobre ellas<sup>19</sup>.

Com relação ao tratamento das doenças desses escravos, descreveu:

Dos escravos de Santa Rita adoeceram de opilação em 1848, 29, em 1849, 20, em 1850, 7, em 1851 5, em 1852 (ano de muita chuva), 17; e como o tratamento desta doença é sempre prolongado, a duração média das moléstias nestes annos foi em proporção directa aos números de opilados. Esta duração foi de 15,9 dias em 1848, de 14,9 em 1849, de 4,8 em 1850, de 10,9 em 1851, e de 14,5 em 1852.<sup>20</sup>

Em estudo clássico sobre a escravidão, Emília Viotti da Costa que dedicou um capítulo para vida dos escravos nas fazendas rurais<sup>21</sup> apontou a presença de indivíduos que exerciam atividades médicas na região<sup>22</sup>. Ela também registrou a passagem Dr. Teuscher por uma das maiores propriedades da região. Segundo Viotti, as fazendas de Santa Rita e Áreas, que o médico alemão dirigiu um hospital, pertenciam a Antônio Clemente Pinto, Barão de Nova Friburgo. De acordo com um relatório do Presidente da Província, sobre a riqueza da família Clemente Pinto foi registrado:

O opulento fazendeiro Antônio Clemente Pinto tem já plantado mais de cem mil pés de café em uma de suas fazendas que abriu em sociedade com o

---

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Idem, p.10.

<sup>21</sup> COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 316.

<sup>22</sup> Sobre as artes de curar no Rio de Janeiro, ver: Pimenta, T. S. "Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos" In: **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1), 2004, p. 67-92.

hábil engenheiro Jacob Van Erven, onde tenciona, assim que os cafezais estiverem próximos a produzir empregar pequena porção de colonos, mandando engajar na Bélgica e Holanda pelo dito engenheiro.<sup>23</sup>

Sobre a presença de médicos nos plantéis de Clemente Pinto, salientamos que o médico alemão não foi o único a circular pelas fazendas do Barão de Nova Friburgo cuidando dos doentes. Por exemplo, em fevereiro de 1885, uma nota no jornal de Cantagalo, *O Voto Livre: órgão Liberal* informava a morte do médico italiano Dr. Carlos Eboly. “Por largos anos exerceu o Dr. Eboly, neste município, a sua profissão, quer como médico de [partido] das fazendas do finado Barão de Nova Friburgo, quer como clínico livre”. Além disso, foi “fundador do Estabelecimento Hydroterapico de Nova Friburgo e notável facultativo desta Vila”<sup>24</sup>. Além das doenças, os acidentes com animais e insetos no trabalho do campo também exigia atenção dos senhores. J. J. Von Tschudi (1980) nos relata em uma de suas viagens como os ataques de animais eram preocupantes, especialmente para Cantagalo os ataques de cobras nas roças eram os mais registrados:

O farmacêutico Dr. Th Peckolt de Cantagalo preparou um remédio a base de sal e amoníaco, sob o nome de Polygonaton, tirado de uma planta, que os indígenas frequentemente usam contra as mordidas de répteis (...). Em mais de 70 acidentes nos arredores de Cantagalo, o remédio produziu efeitos benéficos, mesmo quando a vítima já se encontrava em estado bastante adiantado de envenenamento, revelando sintomas mais graves: o remédio ainda produziu seus efeitos salvadores. Muitos feitores de Cantagalo costumam levar consigo uma dessas ventosas quando saem para a roça com os escravos.<sup>25</sup>

Outro aspecto que cogitamos nesta pesquisa são os laços familiares e de parentescos construídos nas senzalas desses plantéis, os quais podem demonstrar as escolhas que as mães escravas faziam em relação ao melhor “tratamento” a ser dispensado aos seus filhos. Sobre

---

<sup>23</sup> Relatório do Presidente da Província, 1851, p. 45-46, *apud* VINHÃES, *op.cit.*, 1992.

<sup>24</sup> **O Voto Livre: órgão Liberal**. 22/02/1885. BN: PR-SOR 5642-5666.

<sup>25</sup> TSCHUDI, J. J. Von. **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. Minas Gerais: Editora Itatiaia Ilimitada, 1980, p. 78-79.

este cotidiano, o “olhar branco”<sup>26</sup> do médico alemão Teuscher enfatiza o quanto era difícil cuidar da saúde das crianças:

Se o tratamento medical dos pretos em geral encontra muitas vezes obstáculos na sua falta de inteligência, se a dificuldade em que maior parte deles se achão e dar conta dos seus sofrimentos limita ordinariamente à exclusão apreciação dos sintomas objetivos, isto tem lugar em muito maior no tratamento das crianças. As mães, pouco cuidadosas ou mal esclarecidas, contribuem geralmente antes para fazerem os seus filhos doentes, do que para conservarem-lhes os seus filhos a saúde, e estorvão o tratamento em lugar de o ajudarem.<sup>27</sup>

É bem provável que muitos escravos tenham se negado a serem tratados ou a tomarem as drogas oferecidas pelos seus senhores ou médicos nos hospitais e/ou enfermarias das fazendas. Poderíamos supor, ainda que inicialmente, que muitos escravos recorressem aos serviços dos barbeiros cativos que viviam nas fazendas de Cantagalo. Na lista dos cativos em que constam informações sobre profissões, encontramos outros escravos identificados como “barbeiros”<sup>28</sup> vivendo em outros plantéis da região. Com relação à saúde dos escravos nos plantéis de Jacó van Erven encontramos escassas referências nas listas de escravos. Os escravos doentes apareceram registrados como quebrados (5), cego (1), doente (1), defeituoso (1), opilado (1), paralítico (1) e doente do útero (1).

Ainda sobre as moléstias mais frequentes nas fazendas de Cantagalo, Teuscher observou que fatores como o clima das *plantations* poderiam afetar a saúde dos cativos. Segundo ele,

O clima entre os trópicos sem dúvida predispõe para está doença [anemia intertropical, ou opilação], mas as causas próximas que a podem promover são numerosas. Não existe entre os escravos de todas as fazendas

---

<sup>26</sup> SLENES, Robert. **Na senzala uma flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.11.

<sup>27</sup> TEUSCHER, *op. cit.* 1853.

<sup>28</sup> Inventários *post-mortens* de Rafael Ignácio da Fonseca Lontra, 1867 e Jacob Van Erven, 1867. AMJRJ

igualmente, mas escolhe de preferência aquelas de terras mais úmidas, e por consequência mais férteis<sup>29</sup>.

Embora tenhamos trabalhado até aqui com as fazendas que pertenciam, mesmo em sociedade, à rica família Clemente Pinto, importantes indícios surgem sobre a agência escrava nas *plantations* de café do Vale com o esquadramento de outros processos de inventários *post-mortens*. Da mesma forma como observou a moradia, a rotina de trabalho e a divisão de tarefas, as vestimentas, a alimentação, as estatísticas de nascimentos e mortes entre homens e mulheres escravos, iniciamos uma investigação detalhada sobre o cotidiano em comunidades de senzalas, que podem nos ajudar tanto a descortinar as condições de vida e trabalho nas mesmas, como estratégias de sobrevivência, refletindo quadros complexos de morbidade e mortalidade. Aproximando e alargando a escala de observação para o cotidiano dos personagens escravizados, também é possível tecer novas sistematizações a respeito do complexo universo da escravidão, tanto para o Brasil, quanto para outros cenários escravistas. Conseguimos encontrar alguns casos emblemáticos com uma análise inicial dos processos de inventários *post-mortens* dos senhores de escravos de Cantagalo.

Na década de 60 do século XIX iniciou-se, com o falecimento de Anna Margarida Ursula<sup>30</sup>, proprietária de uma fazenda em Cantagalo, o processo do seu inventário. No decorrer do processo, o inventariante teve muita dificuldade em administrar o espólio da falecida, avaliado em mais setenta e seis contos de réis. Os conflitos entre os herdeiros acentuaram-se no decorrer do processo. Em nota, o oficial de justiça do Juízo Municipal José Esteves Gonçalves e o oficial Custódio José Coelho informam:

(...) achamos a dita fazenda em completo abandono sem que estivesse na fazenda mais que um preto doente pedimos informações a seus vizinhos sobre o desaparecimento dos escravos pertencentes a mesma Fazenda nos foi informado que no dia seis próximo passado o dito José Cipriano Rossier e seu irmão João Basilio Rossier se evadirão com todos os escravos pertencentes a dita fazenda.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> TEUSCHER, *op. cit.* 1853.

<sup>30</sup> Inventário *post-mortem* de Ana Margarida Ursula, 1860, AMJRJ.

<sup>31</sup> Idem

Em 1862, um dos herdeiros apresenta um pedido para retomar o controle do espólio da sua falecida mãe. João Francisco de Araújo acusava dois outros herdeiros de abandonarem a fazenda e fugirem com os escravos que moravam na propriedade. Em um dos documentos que fazem parte do processo, João Francisco descreve-nos:

(...) a fazenda estava em completo abandono estando seus cafezais no mato e sem os escravos necessários para os trabalhos na fazenda (...) encontrou quinze escravos sendo dois unicamente do serviço da roça, e a maior parte crias e o resto mulheres encarregadas de tratar das mesmas, algumas das quais estão enfermas. Vê se, portanto o suplicante inabilitado de remediar esse mal, mesmo porque os escravos estão desmoralizados, e receia o suplicante que exercendo o rigor eles se evadão e precisa ao mesmo tempo incumbir a alguém a guarda dos bens inventariados; no que necessariamente tem de fazer despesas, que afinal documentará para serem atendidas.<sup>32</sup>

Fragmentos dessa história revelam muitas faces do cotidiano dos escravos. A leitura do processo indica que o cotidiano das relações entre senhores e escravos era permeado por tensões, conflitos. Como sugeriu Flávio dos Santos Gomes, “Escravos não só percebiam o mundo a sua volta, não só o modificavam, como agiam em função dessas possíveis mudanças”<sup>33</sup>. Nesse sentido, não seria possível supor que os conflitos travados entre os herdeiros pela herança teriam motivado o aumento das tensões entre escravos e o novo proprietário da fazenda? No primeiro registro da fuga dos escravos no plantel da falecida Ana Margarida Úrsula, os oficiais de justiça da região encontraram apenas um escravo, que provavelmente não fugiu porque estava muito doente. Antônio congo foi avaliado em apenas duzentos mil réis por estar doente, enquanto a maioria dos seus companheiros de cativeiro foi avaliada em mais de um conto de réis. Tudo indica que tais conflitos afetaram o abastecimento da fazenda e, provavelmente, comprometeram a venda do café afetando diretamente o

---

<sup>32</sup> Idem

<sup>33</sup> GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p.78.

cotidiano daqueles escravos. Nesse contexto, de fato os escravos encontravam-se “desmoralizados” e a vida no plantel revelava-se ainda mais árdua, evento que afetaria diretamente a saúde dos cativos.

Além dos fatores citados acima, que poderiam desestabilizar a vida nos plantéis, a propagação das epidemias que ceifavam vidas nas proximidades das cidades atlânticas<sup>34</sup> também preocupava os proprietários do Vale. Eduardo Silva assinalou o quanto o Barão Pati de Alferes, da região de Valença, se inquietava com os rumores de epidemias:

Em setembro de 1853, o Barão pede o seu correspondente, no Rio, para mantê-lo informado sobre o *estado sanitário dessa cidade*. Como a epidemia persistisse no entreposto de Iguazu, passa a mandar a tropa pela Pavuna e pede ao comissário para fazer o mesmo com as encomendas que enviasse as fazendas. Informa, contudo, que *por ora nem um caso há em cima da serra da moléstia que nos assalta*. Em novembro, contudo, percorre as fazendas de Santa Ana e Piedade, demorando-se de volta ao pitoresco Monte Alegre. Embora tudo corresse bem, um caso de cólera, nas proximidades, deixa-o de sobre aviso. Os receios de a respeito do imenso capital ameaçado pelas epidemias o levam a evitar o contato através da tropa, com os lugares afetados pela cólera, bem como a compra de novos escravos que, incorporados as turmas de trabalho, poderiam trazer prejuízos imensos<sup>35</sup>. *(grifo do autor)*

Esse trecho apresenta algumas estratégias empreendidas pelo Barão Pati de Alferes para que sua tropa de escravos não fosse contaminada pelas epidemias que assolavam várias regiões da província. O trabalho dos escravos tropeiros era de suma importância para o sucesso da lavoura cafeeira, circulando pelos caminhos sinuosos do Vale, levavam a produção da fazenda para os portos ou seguiam pelas principais estradas que ligavam a Corte, depois voltavam para as fazendas trazendo gêneros alimentícios para o abastecimento da propriedade. Aqui surgem pistas interessantes sobre a saúde escrava. Como alertou o Barão de Pati de Alferes, os escravos tropeiros que passavam pelas circunvizinhanças com surtos epidêmicos poderiam desestabilizar a vida no plantel. De acordo com as anotações do nosso

---

<sup>34</sup> Ver: KARASCH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850**. São Paulo, Companhia da Letras, 2000, especialmente o capítulo *As almas: os que morriam*. p. 143-167.

<sup>35</sup> SILVA, Eduardo. **Barões e escravidão: três gerações de fazendeiros e a crise da estrutura escravista**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, Brasília: INL, 1984. p.149-150.

médico Teuscher, os 900 escravos das fazendas em que trabalhou não eram todos do ofício da roça. Segundo ele, “sem contar as crianças, apenas a metade ocupão-se real e continuamente de lavoura; o resto é empregado em obras, com tropas, e outros serviços”<sup>36</sup>. Ou seja, o exame dos ofícios desses escravos revela-se como variável fundamental para compormos “a estatística sanitária da raça ethiopica”<sup>37</sup> nas ambiências de Cantagalo.

Nos plantéis de Cantagalo verificamos que outros proprietários de escravos dispensavam certos cuidados a sua escravaria. Além das duas fazendas com hospital identificadas pelo médico alemão, citadas acima, encontramos o registro de outras construções que serviram de hospital ou enfermaria para os doentes cativos, assim como o registro de gastos com o tratamento das doenças dos cativos em algumas propriedades da Vila de Cantagalo. Vejamos alguns desses documentos. Em fevereiro de 1877 foi registrada a visita de um médico na fazenda Amparo, onde viviam 66 cativos, propriedade do falecido Lino Pinto da Rocha. O inventariante Jerônimo Pinto da Rocha anexou ao processo notas de pagamento com algumas despesas que teve com a fazenda. Uma dessas notas informa que o inventariante pagou pelos serviços do médico que foi “chamado” em um dia “com chuva” e por uma “receita” ao escravo Carlos de 57 anos, trabalhador da roça. Outro registro indica um “chamado com temporal e a insistência do mesmo exame e receitas para os escravos Carlos, Ambrosio, Aninha, Domingas”<sup>38</sup>. Novamente o médico precisou voltar à fazenda, foi “chamado com mesmo contratempo e repetição para a escrava Aninha, e novos exames para os enfermos acima mencionados”. Em junho de 1877 foram anotados outros gastos com os cativos. Uma nota com o valor de vinte e cinco mil e quinhentos réis foi paga a Henrique Halfeth, provavelmente proprietário de uma botica na região. Estavam entre os itens pagos: “remédios para o menino Honorato”, “pílulas para Agostinha”, “xarope para Agostinha”, “pílulas para Aninha”, “um vidro de peitoral de cereja”, “pomadas”, “basilicão”.

Em 1883 a doença de outro morador de Cantagalo, Manoel Pereira Lopes<sup>39</sup>, proprietário de um plantel com 40 escravos, levou o médico Dr. Torres Quintanilha a sua fazenda. Além de tratar Manoel com longas “visitas” e “horas de assistência a cabeceira do enfermo”, o médico aproveitou para cuidar de outros doentes da casa. Segundo consta em

---

<sup>36</sup> TEUSCHER, *op. cit.*, 1853, p.6

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> Inventário *post-mortem* de Lino Pinto da Rocha, 1875. AMJRJ

<sup>39</sup> Inventário *post-mortem* de Manoel Pereira Lopes, 1883. AMJRJ

uma nota anexada ao inventário, o médico recebeu por “visitas ao escravo Manoel Antônio”, “visita ao escravo Joaquim” e novamente por “consulta ao escravo Manoel Antônio”.

Analisando o libelo de João Lopes Martins<sup>40</sup> em 1872 surgem novamente fragmentos da história marcada por tensões e fugas de alguns dos seus escravos. O inventariado possuía um plantel com 123 cativos, no entanto, três deles fugiram em direção a capital. É provável que os escravos tenham visto na morte do seu senhor o momento ideal para por seus planos de fuga em prática. Por ora, não podemos argumentar as razões e motivações que os levaram à fuga, contudo vale à pena destacar alguns episódios dessas histórias. Com exceção do escravo africano Inocêncio que aparece avaliado por apenas quatrocentos mil réis, os outros dois fugitivos, Ricardo e Marcelino eram vistos como peças valiosas do espólio de João Lopes Martins, sendo cada um avaliado em mais de um conto de réis. Em abril de 1877, o inventariante dos bens de João L. Martins já havia anunciado no *Jornal do Comércio* a fuga dos seus escravos. Em 23 de julho de 1877, aparece anexado ao processo que o escravo Marcos tinha sido levado à carceragem e fora tratado em um hospital. Uma nota da casa de detenção de Niterói revelou que Marcos ficara lá por dez dias e outros dezesseis dias em tratamento em um hospital da região. Em 26 de julho do mesmo ano foi pago ao Hospital de São João Batista em “Nichteroy” a quantia de vinte mil e quatrocentos réis pelo tratamento do escravo na enfermaria do hospital por 17 dias.

No decorrer do inventário surgem mais anotações sobre despesas com a “apreensão” e “soltura” de Marcelino crioulo, que exercia o ofício de cocheiro, Ricardo crioulo, pedreiro, e Inocêncio africano, que trabalhava na roça. Os gastos com a captura e tratamento médico destes três escravos somaram mais de quatro contos de réis. Em agosto de 1877 o escravo Ricardo crioulo havia fugido e fora capturado. Um recibo consta o pagamento de uma gratificação no valor de 198\$700 réis aos seus captores. Logo após, no mesmo mês de agosto, o tesoureiro da secretaria da polícia da Província do Rio de Janeiro, João José da Costa Velho, assinou uma nota no valor de trezentos mil réis para as seguintes despesas do escravo Ricardo:

(...) por dez dias de detenção do escravo; carceragem; despesas no hospital de São João Batista; transporte do escravo para Cantagalo, inclusive o

---

<sup>40</sup> Inventário *post-mortem* de João Lopes Martins, 1872. AMJRJ

regresso das praças que o escoltaram; alvará de soltura e selo; ofício para fazer seguir o escravo para Cantagalo<sup>41</sup>.

Investigando outros documentos, anexados no processo de falecido João Lopes Martins, encontramos informações sobre os cuidados da escravaria. Em várias notas são registrados o pagamento dos vencimentos do médico Dr. Joesinando Avelino Pinho. Em janeiro de 1870 foram pagos os “vencimentos como médico de minha família, dos escravos das minhas fazendas e dos meus empregados e bem assim como meu procurador”<sup>42</sup>. Talvez esse médico tratasse dos doentes no hospital da Fazenda Boa Vista, além disso, a fazenda também possuía uma botica. De acordo com o processo João Lopes Martins tinha 123 cativos distribuídos em três fazendas, Boa Vista, Sossego e Douradinho.

Embora tais informações sejam apenas fragmentos de muitas histórias que permeavam as experiências dos indivíduos escravizados, elas são fundamentais para reconstruirmos esses mundos da escravidão que se desvelaram na importante paisagem social do Vale do Paraíba fluminense. Logo, a partir da análise das vivências de centenas de indivíduos escravizados nos plantéis de uma região do Vale Paraíba fluminense buscamos reunir índicos para reconstruirmos paisagens e contextos sociais nas quais os escravos moldavam suas experiências. Apresentado outros aspectos da vida escrava que surgem da análise dos inventários e seguindo os caminhos traçados pelo médico alemão e de tantos outros visitantes à Comarca de Cantagalo.

### Considerações finais

Com a análise de alguns processos de inventários das fazendas em que o médico alemão passou e de outras propriedades da região é possível uma investigação visando conectar campos da história da escravidão e da saúde/doença. As experiências de doença, cura e morte dos escravos que surgem da apreciação dos processos de inventários *post-mortens*, que ao descreverem os bens do falecido, tem nos possibilitado a reconstituição da

---

<sup>41</sup> Inventário *post-mortem* de João Lopes Martins, 1872. AMJRJ

<sup>42</sup> Idem.

vida de indivíduos e o mapeamento de processos sociais dinâmicos, expressos por conflitos, tensões e lógicas sociais próprias das *comunidades das senzalas*<sup>43</sup>.

Desse modo, procuramos destacar neste artigo algumas reflexões em relação à saúde e às doenças daqueles cativos. Ao percebermos algumas nuances dessas configurações sociais marcadas pela experiência da escravidão, é possível identificar alguns quadros complexos de mortalidade e morbidade entre os cativos e, então, indagar até que ponto suas experiências individuais e coletivas do cativeiro redefiniram estratégias de sobrevivência, de que forma teceram escolhas e moldaram suas práticas culturais, resultando em uma configuração social particular.

Logo, salientamos que o olhar em torno das doenças permite ao pesquisador vislumbrar cenários mais complexos na medida em que nos impõe o esforço em condensar múltiplas variáveis na análise. Através das conexões estabelecidas é possível navegarmos pelos mundos dos trabalhos, práticas culturais, arranjos sociais tecidos entre os grupos, condições históricas e demográficas da população examinada. No plano teórico estabelecem-se diálogos com estudos de diferentes áreas, tais como, a paleopatologia que por outros caminhos fornecem indícios das populações do passado; a lingüística<sup>44</sup> para desvendarmos os sentidos das palavras e seus conceitos; da epidemiologia histórica<sup>45</sup> para o entendimento das doenças através do instrumental da saúde. Ou seja, ressaltamos a importância e possibilidades de se pensar as experiências escravas em torno da doença, da cura e da morte esquadrinhando variados aspectos do cotidiano e seus arranjos sociais específicos, destacando o contexto da escravidão e de seus personagens cativos.

---

<sup>43</sup> GOMES, *op. cit.*, 2006, p.52.

<sup>44</sup> Para uma interessante discussão dos estudos paleoparasitológicos ver: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. "Evidências lingüísticas da antiguidade do piolho e de outros parasitas do homem na Amazônia". In: **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, 2005, v. 2, n.2, p.89-97.

<sup>45</sup> Ver: CARVALHO, D. M. **Epidemiologia e história das doenças: limites e possibilidades**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Escola Nacional de saúde Pública, Fiocruz, 1996.